

UM MODELO INOVADOR E CRIATIVO

para o

PARQUE NATURAL DA SERRA DE SÃO MAMEDE

A Música, as Artes e a Ciência

como estímulos ao desenvolvimento sustentado,

a Cultura na base da

Conservação da Natureza e Prevenção dos Incêndios Rurais

João Filipe Bugalho

Engenheiro Silvicultor

Sumário:

Importância e reflexos da cogestão do Parque Natural da Serra de São Mamede (PNSSM), pelas autarquias e pelo ICNF. A participação das pessoas locais nos processos de decisão e a redução dos antagonismos, em simultâneo com a valorização da conservação da natureza e do desenvolvimento sustentável.

A defesa da paisagem e a valorização dos recursos naturais, na base de um processo inovador ambicioso. O PNSSM como modelo de um Parque Natural cuja valorização passará também pelo incremento do conhecimento e da cultura. O conhecimento do fogo, elemento ecológico que moldou a paisagem e permitiu o uso da terra ao longo de milénios, como elemento central, no momento actual, da educação ambiental e da prevenção dos incêndios rurais. A Ciência, a Música, a História, a Literatura e as Artes (em particular as do fogo: ferro forjado, olaria, cerâmica, escultura, desenho, ourivesaria, culinária) como instrumentos de educação ambiental e informação. O estímulo do desenvolvimento sustentado com base na Cultura, na Conservação da Natureza e Prevenção dos Incêndios Rurais.

O desenvolvimento económico do PNSSM, almejando mecanismos de recuperação e resiliência, resultantes do aproveitamento dos usos tradicionais e da incorporação de novas tecnologias, garantindo a conservação da natureza e o desenvolvimento sustentado, em benefício das pessoas locais, atraindo investidores respeitadores dos princípios de sustentabilidade aprovados e visitantes, apreciadores da paisagem e dos usos tradicionais mas, também de museus e da vivência de experiências modernas avançadas, estimulantes de um turismo científico, cultural, gastronómico e de natureza propiciador, em simultâneo, de bem-estar e de elevação económica e cultural.

Apresentam-se ainda exemplos de actividades, umas só sugeridas, outras já planeadas, outras mesmo já em curso, as quais exemplificam como se pode conceber o Projecto de Cogestão do Parque Natural da Serra de São Mamede, a mais longo prazo:

Uma actuação articulada e harmónica dos mais diversos agentes e dos seus actos, contribuindo para um objectivo comum que, tal como as células de uma mórula embrionária, se vão acrescentando e articulando, estabelecendo relações e sinapses conforme a necessidade, a oportunidade e as circunstâncias, com vista a um resultado final complexo mas harmonioso que será um contributo colectivo para o desenvolvimento sustentável da região, a defesa do seu património natural e cultural, a sua divulgação a nível nacional e internacional, em benefício quer das populações do presente, quer das gerações vindouras.

1 – Introdução

A recente decisão governamental de transferir, num regime de cogestão, parte das competências do ICNF relativas à gestão dos Parques Naturais para as autarquias respectivas, é uma inovação promissora. Será um desígnio do Governo caminhar no sentido de um modelo de conservação mais integrador dos anseios locais, mas é também uma vantagem política para as autarquias que quererão demonstrar as vantagens e a eficácia dessa descentralização, do aumento das suas competências e da capacidade para contribuir, no terreno, para um melhor e mais sensato uso dos recursos da região. Uma cogestão eficaz e sensata, reduzirá antagonismos que têm vindo a arrastar-se desde o processo inicial de criação e implantação dos Parques Naturais e, simultaneamente, um incremento da responsabilidade e do conhecimento, proporcionará às entidades e pessoas locais uma melhor compreensão dos objectivos da conservação do seu património, atrairá iniciativas e acabará por proporcionar maior prosperidade e bem-estar.

O Parque Natural da Serra de São Mamede (PNSSM) foi o primeiro sobre o qual recaiu tal decisão, tendo sido nomeada a Comissão de Cogestão no passado dia 28 de dezembro de 2020. ¹

Esta Comissão terá a missão de concretizar uma experiência nova e o desafio de transformar esta oportunidade pioneira em projectos inovadores estruturantes que promovam o desenvolvimento da região, garantindo o uso racional e sustentado dos seus recursos patrimoniais e naturais. Os resultados, uma vez avaliados e ajustados ou corrigidos, poderão ser ampliados e constituir modelos aplicáveis noutras regiões de características similares.

¹ Por despacho 12612/2020, conjunto do Ministro da Ciência, Tecnologia Ensino Superior e do Secretário de Estado da Conservação da Natureza, das Florestas e do Ordenamento do Território de 17 de dezembro de 2020, é criada a Comissão de Cogestão do PNSSM. Esta Comissão será presidida, em regime rotativo, por cada um dos Presidentes das Câmaras Municipais do Parque cujos mandatos serão de quatro anos. A primeira presidência coube ao Presidente da Câmara de Castelo de Vide que entrou em funções no passado mês de fevereiro.

Um aspecto crucial será o estímulo de processos de participação pública, reais e efectivos, de baixo para cima (“bottom-up”) em que os actores locais participem desde o início.

Deverá consistir em identificar quais são - na optica desses actores locais e enunciados os princípios do modelo de cogestão - as principais potencialidades da área protegida e os seus constrangimentos, definindo as prioridades, identificando, em sintonia com o poder central, as vias para a sua resolução e identificando as principais acções para a valorização da área protegida e para a melhoria das condições de vida de quem a habita. Temos aliás entre nós, pessoas especializadas nestes temas com formação internacional.

Este projecto-piloto do PNSSM deverá ser um modelo e servir o tão importante objectivo de educar para o uso e não apenas para uma visão manietante da conservação passiva dos valores naturais.

Poderá também fazer nascer um fulcro de desenvolvimento e valorização de toda a região que, contrariando a tendência centrifuga das últimas décadas, atraia uma população instruída com uma composição mais jovem, com dinamismo inovador e vontade criativa, propulsora de desenvolvimento sustentável e mais prosperidade futura, uma agregação de vontades e de conhecimento, dinamizadora atraente de equilibrado turismo científico e cultural.

Porém – e só assim haverá verdadeiramente inovação - será indispensável ultrapassar os limites estreitos dentro dos quais se colocam frequentemente os temas da conservação da natureza, mas partir para um âmbito de horizontes alargados onde o uso racional dos recursos patrimoniais e naturais se interligue, assente nos conhecimentos da Ciência e enriquecido pelas relações desta com a Música, as Artes, a Literatura, a Geografia, a História, numa palavra, na Cultura.

O inventário e conhecimento dos recursos biológicos constitui uma base imprescindível, mas é necessário ampliar estes limites interligando-os e enriquecendo-os com as componentes científicas, culturais e artísticas.

2 - O uso da terra moldou a paisagem

As gravuras rupestres da Lapa dos Gaviões a sul da Serra de São Mamede, no concelho de Arronches, revelam que já há cerca de cinco mil anos havia por ali pastores e cabreiros que, para além de apascentarem os gados, se

ocupariam em algumas práticas de agricultura. O fogo servir-lhes-ia não só para se aquecerem, cozinharem alimentos, diminuir riscos de doenças e fabricar utensílios, mas também para reduzir o coberto arbustivo e arbóreo, abrindo clareiras para desenvolverem os pastos e algumas culturas rudimentares. Também a existência considerável de diversos monumentos megalíticos indicia a presença significativa de populações primitivas na região. Alguns arqueólogos acreditam que o impacto destes povos no meio que os rodeava, poderá ter sido bem maior do que imaginamos, sobretudo em resultado de queimadas frequentes.

Sabemos também que há cerca de dois mil anos se deu, durante quatro séculos, a ocupação romana e que os romanos, dotados de técnicas e conhecimentos avançados, estabeleceram os exércitos que dominaram e escravizaram as populações locais, implantaram sistemas legais de administração, comércio e justiça, abriram vias de comunicação, construíram pontes, viadutos e aquedutos, exploraram termas e minérios, parcelaram terras, exploraram madeiras, plantaram soutos e castiçais, criaram cavalos e gados, instalaram-se em “villas” rodeadas de matas, fontes, hortas e jardins, fazendo cultivar olivais, figueirais, vinhas e searas. Não se duvidará, portanto que deixaram fortes marcas na paisagem, algumas ainda hoje reconhecíveis.

Os suevos e os godos terão destruído muito do que encontraram e é de salientar que a alternância entre culturas que fizeram uso ordenado da terra com outras que não a cuidavam do mesmo modo, tem marcadas consequências no meio. Até aos nossos dias. As estruturas em terraço que se fazem nos terrenos declivosos para implantar vinhas, olivais e hortas, servidas em geral por sistemas de irrigação, uma vez abandonadas, conduzem a fortes fenómenos de erosão e arrastamentos de terras.

Há cerca de mil anos vieram instalar-se os mouros e com eles os berberes, implantaram o Al-Andaluz, estabelecendo-se durante mais de seis séculos. Construíram as fortificações nas alturas, ao contrário dos romanos que se estabeleciam nas planícies, trouxeram novos sistemas de cultivo e de rega, mas também novos conhecimentos de medicina, matemática, astronomia e modo de pensar. Apesar de, posteriormente, os cristãos terem procurado apagar a presença muçulmana, ficaram, apesar disso, fortes marcas na língua e na paisagem, na arquitectura, na agricultura e no uso da água. As

empas dos feijoais, as picotas, as noras e alguns doces do sul de Portugal são, ainda hoje, semelhantes aos do norte ocidental da África.

Também a vinda de Espanha de milhares de judeus, nos finais do século quinze, trariam novos costumes e a implantação de novos misteres, todos relacionados com os recursos da terra. As técnicas de tinturaria, o artesanato das lãs, o tratamento dos cabedais, da madeira e do ferro sofreram expansão, aperfeiçoamentos e inovações.

Subjacente ou sobreposto a todo este panorama multicultural, houve uma forte presença cristã que aproveitou, adaptou, transformou e se afirmou fortemente no decurso do tempo, até aos nossos dias.

Em toda a área do PNSSM há vestígios e marcas do que muito sinteticamente se referiu, mas que, sem dúvida, condicionou e moldou a paisagem que hoje usufruímos e queremos proteger. Será indispensável conhecer o passado para nos ajudar a compreender, valorizar e estimular a conservação desse património no futuro pelo que, a gestão do PNSSM deverá contemplar o estudo da História e a transmissão dos resultados do conhecimento existente e da investigação futura, quer aos habitantes, quer aos forasteiros.

3 - O fogo forjou e forjará a paisagem

O fogo terá sido na terra um elemento anterior à vida e, mesmo depois do aparecimento desta - de uma forma ou de outra - sempre permaneceu. Os fogos naturais são consequência de características físicas do planeta Terra e do seu movimento, as quais se mantiveram quase inalteradas ao longo de milénios e que, também por isso, se manterão.

Mas desde que, segundo os gregos antigos, Prometheus, o Deus titânico, roubou o fogo a Zeus para o pôr ao serviço da civilização e do Homem, este passou a usá-lo em seu proveito, nem sempre bem. Dizem alguns que “o fogo é um bom servo e um mau patrão”. O mesmo é dizer que quando o temos dominado e o usamos, entre outros fins, para queimar, controlar matos, aquecer, cozinhar, desinfetar, moldar, forjar, destilar, tingir, ele nos presta grandes serviços e tem-se, por isso, revelado de uma utilidade extrema ao longo de milénios. Porém, se nos escapar ao controlo, desencadeando incêndios, podem os seus malefícios ser incomensuráveis,

destruidores, mesmo assassinos. Mas uma coisa é certa: a sua presença será permanente.

Por isso, informar e educar, muito particularmente a juventude, sobre a ecologia do fogo e os méritos do seu uso será da maior importância. Assim como aprofundar o conhecimento das relações ecológicas entre a vegetação e a fauna do PNSSM e quais as suas relações com o fogo.

Será um programa prioritário demonstrar como as pessoas mais antigas faziam uso sábio do fogo e como muitos desses usos chegaram aos nossos dias. Mas deverá mostrar-se como podemos, tirando proveito do conhecimento anterior, adaptá-lo e adoptar os cuidados que, as transformações ocorridas, entretanto, a tal obrigam.

Também os visitantes, hoje em dia essencialmente provenientes dos centros urbanos onde o uso do fogo se desaprendeu totalmente, devem ser informados sobre os procedimentos convenientes e sobre as actividades em curso relativas a este tema, bem como devem ser instruídos sobre como agir em circunstâncias da ocorrência de incêndios. O ideal será que esta informação seja feita e demonstrada através das pessoas locais, aproximando uns e outros e valorizando o conhecimento recíproco.

O Plano Nacional de Acção para a Gestão Integrada dos Fogos Rurais (PNACIFR) proporciona oportunidades, propondo que, em cooperação transfronteiriça, se desenvolvam projectos quer ao nível das práticas educativas para o risco, quer ao nível da comunicação, aumento e transferência do conhecimento, quer de apoio a propostas de carácter inovador ao nível da investigação, desenvolvimento e aplicação, os quais será indispensável articular com as actividades e programas que adiante se propõem.

Será, pois, indispensável e de maior valia um programa de educação ambiental com uma vertente própria sobre ecologia do fogo e prevenção dos incêndios rurais que possa tirar partido de todas as oportunidades disponíveis.

4 - A ciência e as artes, o incremento cultural e a valorização do PNSSM

O PNSSM apresenta uma biodiversidade que é resultante das suas características edafoclimáticas, das espécies vegetais e animais que se

instalaram e das que existem, sujeitas aos usos que o homem lhes tem dado através do tempo.

Aprofundar a inventariação e conhecimento deste património natural é imprescindível para a valorização de um Parque Natural e é, por isso, lógico que estejam já mencionadas no Plano de Actividades e previstos alguns dos agentes, mesmo de orçamentos, para a sua execução. É, pois, desejável que haja um constante incremento e progresso destas acções e, dado que esta orientação tem uma aceitação generalizada, não vale a pena prolongar, agora e aqui, dissertações sobre o seu desenvolvimento que naturalmente seguirá o seu curso.

Porventura será mais útil debruçarmo-nos antes sobre ideias que, entre nós, estão menos associadas aos conceitos da conservação da natureza, as quais urge passar a considerar ou reforçar. Nos tempos modernos, a conservação tende a ser, cada vez mais, encarada de uma forma holística, abrangente, correlacionando a biologia e os recursos naturais ou seu uso sustentável com a forma de os valorizar, usufruir, desfrutar e advir, de forma duradoura.

A ciência terá aqui uma missão relevante, por isso, será fundamental atrair investigadores e cientistas, associar universidades nacionais e estrangeiras – a internacionalização será essencial - a todos os numerosos campos de estudo e investigação que a gestão do PNSSM possa suscitar. Haverá aqui uma inigualável oportunidade para fomentar, estimular e apoiar projectos de mestrados e doutoramentos cujos resultados serão enriquecedores contributos.

Há hoje uma tendência evolutiva para que a ciência seja interdisciplinar e tenda a aproximar-se, mesmo a fundir-se, cada vez, mais com as artes, a literatura e a música pelo que poderão surgir, também por isso, rotas inovadoras.

Entre muitos outros, há um tema que se destaca e será tão pertinente como atraente abordá-lo de modo criativo: referiu-se já a importância que o fogo teve e terá na construção da paisagem; isso justificará aprofundar as ciências do fogo e interligá-las com as artes o que fará surgir enorme espaço para um número infindável de iniciativas culturais e permitirá, em simultâneo, educar de forma apelativa, para o uso sustentado dos recursos e para a prevenção dos incêndios rurais, cujos malefícios dramáticos

teremos que afastar de vez, se quisermos ver protegido o espaço em consideração. Mais adiante enumeraremos actividades e projectos, alguns já considerados, outros que se poderão pôr em prática a curto ou médio prazo.

Será também relevante promover iniciativas que apelem aos artistas nacionais e estrangeiros residentes na região para que se envolvam e participem com os seus talentos, nestas actividades.

A realização na região do Festival Internacional de Música de Marvão (FIMM) e a sua ligação à Academia Internacional de Marvão de Música, Artes e Ciência (MIAMAS) são duas iniciativas de suprema valia neste contexto, tendo em curso diversos projectos, alguns dos quais já inscritos no Plano de Actividades, entre outros que irão ser promovidos.

Será racional concluir que um grande conjunto destas actividades irá gerar economia e desenvolvimento trazendo melhores condições de bem-estar e qualidade de vida na região. Um desenvolvimento equilibrado poderá ajudar tanto a fixar pessoas, sobretudo mais jovens, como a gerar formas de turismo científico, cultural, gastronómico e de natureza que se inter-relacionem e se inter-beneficiem e, conseqüentemente irão gerar rendimentos.

Finalmente, é razoável imaginar uma actuação articulada e harmónica dos mais diversos agentes e dos seus actos, contribuindo para um objectivo comum que, tal como as células de uma mórula embrionária, se vão acrescentando e articulando, estabelecendo relações e sinapses conforme a necessidade, a oportunidade e as circunstâncias, com vista a um resultado final complexo mas harmonioso que será um contributo colectivo para o desenvolvimento sustentável da região, a defesa do seu património natural e cultural, a sua divulgação a nível nacional e internacional, em benefício quer das populações do presente, quer das gerações vindouras.

5 - Sobre a modernização da agricultura e silvicultura

Muito do que se disse atrás porém, vai desenvolver-se nos centros urbanos locais, isto é, fica de fora a grande parte do território que para se manter e conservar os seus valores naturais e de biodiversidade terá que continuar a ser suporte da agricultura e da silvicultura. Mas a agricultura que actualmente se pratica corresponde, em grande parte, a práticas do

passado, muitas das quais não poderão continuar. No futuro, terá que ser sustento de empresários agrícolas e florestais cuja actividade, para os sustentar e ser sustentável, terá que se modernizar e incorporar novos conhecimentos e tecnologias. O Instituto Politécnico de Portalegre por si só, ou em ligação com Universidades e Institutos de Agronomia nacionais e estrangeiros, terão aqui um enorme desafio a vencer. Como continuar, ou implantar novos modos de usar a terra com base no conhecimento concreto que se deverá partilhar com os agricultores de forma a promover uma actividade respeitadora do ambiente, economizadora do uso da água, garante do combate às alterações climáticas, mas que, simultaneamente assegure um modo de vida decente que estimule progresso, qualidade, formação e conhecimento aos seus actores e respectivos descendentes. A inovação neste campo consistirá num ensejo tão, ou mais, importante do que tudo o que se mencionou anteriormente.

6 - Integração na iniciativa “Novo Bauhaus Europeu”?

No respectivo site podemos ler:

“O **Novo Bauhaus Europeu** é uma iniciativa criativa e interdisciplinar que proporciona um espaço de encontro para conceber futuros modos de vida, situada na encruzilhada entre a arte, a cultura, a inclusão social, a ciência e a tecnologia, que visa aproximar o Pacto Ecológico dos sítios onde vivemos e mobilizar um esforço coletivo para imaginar e construir um futuro sustentável, inclusivo e belo para a nossa mente e a nossa alma.”

Por belo entendemos espaços inclusivos e acessíveis, onde o diálogo entre culturas, disciplinas, géneros e idades diferentes seja uma oportunidade para imaginar um lugar melhor para todos. Significa também uma economia mais inclusiva, caracterizada pela distribuição da riqueza e pela acessibilidade dos espaços.

Por belo entendemos também soluções sustentáveis, que promovam um diálogo entre o ambiente construído e os ecossistemas do planeta. Significa adotar abordagens regenerativas, inspiradas nos ciclos naturais, que reconstituam os recursos e protejam a biodiversidade.

Por belo entendemos ainda experiências enriquecedoras, que respondam às necessidades que vão além da nossa dimensão material, inspiradas na criatividade, na arte e na cultura. Significa valorizar a diversidade como uma oportunidade de aprender uns com os outros.

Face ao exposto, parece haver condições para avaliar como o projecto de futura gestão do PNSSM se poderá integrar naquela iniciativa europeia, o que lhe daria maior visibilidade e melhores meios. Mas então deverá

integrar o vizinho território espanhol, os seus cientistas e habitantes, cujos problemas e características são similares.

7 - Sugestões de actividades a desenvolver

Não haverá dúvidas, numa fase imediata, quanto ao apoio que deverão obter as actividades já inscritas no Plano de Actividades, com agentes identificados e orçamentos assegurados. Serão relevantes, entre outros os projectos ali referidos de turismo de natureza, os percursos pedestres ou de cicloturismo e, bem assim, as Masterclasses de Música, os eventos científicos ou artísticos já planeados pela Academia MIAMAS, diversas outras actividades musicais já programadas, as rotas literárias, em particular o “Ciclo da *presença* no Alto Alentejo”, ou outras já inscritas.

Para além destas e numa visão futura, enumeram-se em seguida algumas actividades concretas que poderão ser desenvolvidas a curto e médio prazo, para as quais será necessário encontrar agentes dinamizadores e adequados meios financeiros, conforme as oportunidades, as disponibilidades e as circunstâncias. Esta listagem não pretende ser completa nem exclusiva, nem está apresentada segundo qualquer hierarquização de valor. Algumas das actividades sugeridas poderão não ter ainda condições para serem executadas, outras surgirão como mais meritórias ou oportunas. Indispensável é que umas e outras se vão iniciando, estimulando, cooperando e interligando, criando uma rede de conhecimento e de cultura para valorização do PNSSM, das suas gentes e dos seus recursos.

- a) Projectos de educação ambiental, especialmente dedicados às populações escolar e estudantil e à formação dos professores. Poderão focar particularmente a ecologia do fogo e a prevenção dos incêndios.
- b) Os programas já iniciados de identificação botânica e organização de herbários que se estão a criar no Museu Garcia d’Orta para os alunos das escolas locais, deverão estabelecer bases para a compreensão das relações entre a vegetação, a sua pirologia e a ecologia.
- c) A conservação do herbário e notas de campo do Engenheiro Malato Beliz deverão ser tratados e preservados e proporcionarão um grande enriquecimento no que respeita ao tema anterior.

- d) Criar um programa de Educação Ambiental e Comunicação para adultos, dirigido para as pessoas locais e para os visitantes, sobre ecologia do fogo e prevenção dos incêndios. Será interessante fazer o levantamento dos usos tradicionais das queimadas e do fogo na região, recuperando se possível, o conhecimento de pessoas ainda activas no campo e complementando-o com os conhecimentos actuais.

Segundo o Banco Mundial, a Economia da Cultura corresponde a 7,0% do PIB mundial, a 7,7% do PIB dos EUA e a 8,2% do PIB do Reino Unido. Em termos de emprego, representa 4,0% do emprego total nos EUA e 6.4% do emprego na Inglaterra (Banco Mundial, 2006). Tais números sugerem que algo semelhante se poderá passar entre nós. Será, pois, pertinente, com o apoio da Direcção Regional de Cultura, e de entidades de índole cultural, nacionais ou estrangeiras, utilizar as artes do fogo como pretexto e impulso para o desenvolvimento da Arte na região, com envolvimento dos artistas locais, em particular dos estrangeiros:

- e) Organizar cursos de ferro forjado com a intervenção dos artesãos locais, estimulando a reprodução e comercialização de peças de ferro forjado antigas, mas estimulando artistas contemporâneos a participar e incentivar a criatividade. Num desenvolvimento futuro poderá surgir até a criação de uma escola de ferro forjado;
- f) Organizar, em moldes idênticos ao anterior, cursos de cerâmica e olaria;
- g) Organizar cursos sobre o uso da lã, a tinturaria e a arte da tapeçaria, nos quais seja envolvida a Manufatura de Tapeçarias de Portalegre e o Museu da Tapeçaria;
- h) Criar um programa para divulgação e marketing internacional destas tapeçarias. Incentivar e finalizar, simultaneamente, o projecto de candidatura da Tapeçarias de Portalegre a Património Imaterial da Humanidade da Unesco.

Centrando particularmente as relações das culturas que mais marcaram a região com a conservação e uso dos recursos naturais:

- i) Criar um programa de estudo, desenvolvimento e divulgação das grutas e pinturas rupestres de Arronches;
- j) Incentivar e promover o desenvolvimento e a divulgação do projecto da Ammaia, incluindo neste o estudo e divulgação das Caleiras da Escusa;
- k) Promover o estudo da influência da cultura árabe na região;

- l) Promover o estudo da influência da cultura judaica na região;
- m) Aprofundar o estudo das relações do cristianismo com os usos e costumes regionais e das suas interligações com as outras culturas e religiões, ao longo da história e até ao presente, prevendo implicações futuras.

Fazer a recolha, o estudo e aperfeiçoamento das receitas gastronómicas da região e da sua enologia, relacionando-as com o melhor aproveitamento dos recursos locais,

- n) Promover cursos de culinária, gastronomia e enologia regionais.

Constituir e interligar Rotas Literárias e aprofundar as relações da Literatura e das Artes com os recursos do PNSSM,

- o) Desenvolver e implantar o “Ciclo da *presença* no Alto Alentejo” através de actividades periódicas em torno das obras de José Régio, Branquinho da Fonseca, Francisco Bugalho e Ventura Porfírio, utilizando-as como pretexto e incentivo para o estudo e divulgação de autores e de obras que abordem, directa ou indirectamente a região;

- p) Promover e desenvolver as ciências do fogo e as suas relações com a sustentabilidade e a eliminação do risco de grandes incêndios e, em simultâneo, estimular projectos inovadores na agricultura, rentáveis, sustentáveis e respeitadores do ambiente, com intensa participação dos agentes locais (produtores, transformadores e intermediários comerciais).

- q) Assegurar planos de articulação com Universidade nacionais e estrangeiras, dinamizadores da implementação de projectos de investigação. Será pertinente estabelecer prémios ou criar condições favoráveis para os estudantes e investigadores que se disponham a realizar mestrados e doutoramentos na região relacionados com estes temas.

8 – Um Centro Internacional de Ciência e Artes do Fogo

Poderá também ser uma mais valia conseguir-se a reunião das vontades e meios necessários para se restaurar, através de um projecto de arquitectura marcante, a Igreja de Santo Amaro, pertença da Santa Casa da Misericórdia de Castelo de Vide e para se criar aí uma porta mais de entrada para o PNSSM, um espaço museológico dinâmico com um Centro Internacional em paralelo, promotor em toda a área do Parque Natural das Artes e Ciências do Fogo, demonstrativo das relações entre a ciência, a

ecologia, a conservação da natureza, o uso racional e sustentável dos recursos locais e a Cultura, a Arte, até mesmo as Religiões e a Liturgia.

9- Conclusão

A Comissão de Cogestão do PNSSM está pois, perante um desafio inovador.

Um Plano de Actividades criativo, reconhecido internacionalmente, apoiado por entidades nacionais e estrangeiras, poderá funcionar como uma alavanca diferenciadora para o progresso da região, como um pólo cultural, de índole científica e artística, promotor do progresso do Alto Alentejo. Deverá fomentar novas formas de desenvolvimento do interior, inspiradoras de outras regiões igualmente carecidas, valorizando os recursos locais e o seu uso sustentado, proporcionando às pessoas, quer residentes quer visitantes, experiências enriquecedoras, prosperidade e melhores condições de vida. A gestão do PNSSM poderá servir como modelo de cogestão e dar um importante contributo colectivo para o desenvolvimento sustentável da região, a defesa do seu património natural e cultural, a sua divulgação a nível nacional e internacional, em benefício quer das populações do presente, quer das gerações vindouras.

Abril de 2021